



Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais

LISBOA

1936

Revista Trimestral

Director

Joaquim Leitão

N.º 19
Janeiro
a Março



COLABORADORES

A. VIEIRA DA SILVA, AFONSO DE DORNELAS,
AGOSTINHO DE CAMPOS, ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO,
ANTÓNIO BAIÃO, Dr. ANTÓNIO RODRIGUES CAVALHEIRO,
ARTUR DA MOTA ALVES, COSTA VEIGA,
FIDELINO DE FIGUEIREDO, GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA,
HENRIQUE CAMPOS FERREIRA LIMA,
JOÃO DA SILVA CÔRREIA, JUAN TENA FERNANDEZ,
JÚLIO DANTAS, JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS, LARANJO COELHO,
LUÍS DE FREITAS BRANCO, LUÍS DA CUNHA GONÇALVES,
LUÍS DE MACEDO, LUÍS CHAVES,
Prof. MOSÉS BENSABAT AMZALAK,
QUIRINO DA FONSECA, Dr. REINALDO DOS SANTOS,
SAMPAYO RIBEIRO, Dr. SEMTOB DREIBLATT SEQUERRA,
JOAQUIM LEITÃO, ETC., ETC.

Anais das Bibliotecas,
Museus e Arquivo Histórico Municipais

Oferta
-O. NOV. 1998

Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais de Lisboa

Anais das Bibliotecas Museus e Arquivo Histórico Municipais

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL
ANO VI—N.º 19—1936

Dirigida por Joaquim Leitão



Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais

ANO VI

LISBOA — JANEIRO A MARÇO DE 1936

N.º 19

Palácio do Pátio do Saldanha

Alguns documentos para sua história

(Conclusão)

XIII

Copia

O D.^{or} Joaquim Antonio de Araujo, do Dezembargo do Principe Regente Nosso Senhor, que Deos Guarde, e seu Dezembargador dos Agravos da Casa da Supplicação, Mando aos Avaliadores do Senado da Camara desta cidade, que, hindo este por mim assignado, em cumprimento das Ordens, que recebi do dito Senado pela Secretaria d'estado dos Negocios Extranjeiros e da Guerra, passem ao sitio da Junqueira, e junto ao Palacio do Pateo do Saldanha vejão e examinem a Barraca, denominada do Giestal, e declarem por escrito, debaixo de juramento dos seus officios, quanto vale a dita Barraca, com quintal annexo, e tudo que

pertence á dita Barraca. Dado nesta cidade de Lisboa, aos cinco de junho de mil oitocentos e deseseis. E eu Joaquim Rebello de Lima e Aragão o subscrevi. — Araujo.

a) *Gregorio Gomes da S.^a*

XIV

Copia

Em cumprimento do Mandado retro, fomos nós abaixo assignados Avaliadores privativos dos Predios Urbanos e Rusticos, todos pelo Exm^o Senado da Camara de Lisboa, ao sitio do alto da Junqueira para avaliarmos huma pequena Quinta, denominada do Giestal, cuja he composta de hum Pateo de entrada, tendo este hum Poço, e para o sul do mesmo Pateo, cavalharice, pa-

lheiro, cocheira, e mais commodos de criados, e para o norte, mais cinco quartos, tambem para commodos de criados, havendo junto a estes mais duas cozinhas, e duas cazas, e para o Nascente e Sul, hum assento de cazas de campo com sua Nobreza, dividido em dez cazas, tendo por cima de parte trez cazas, e para o Nascente hum pequeno Quintal ajardinado, junto ao qual ha outro em plano mais baixo com as suas Parreiras, havendo mais para o Sul, hum grande Quintalão com arvores de fructa de Pevide, e caroço, e terra de sementeira, tudo murado em roda com porta para o Pateo debaixo: O que tudo sendo por nós bem visto, e examinado, attendendo ao sitio, e estado, lhe avaliamos a sua renda em duzentos e quarenta mil reis, e do seu valor total na quantia de trez contos de reis. O que tudo, por assim entendermos, o affirmamos com juramento dos nossos cargos. Em Lisboa aos tres dias do mes de Julho de mil oito centos e dezeseis. José Maria de Almeida — Manoel Martins de Souza — Francisco Luis da Fonseca — José Antonio Lopes.

a) *Gregorio Gomes da Silva*

XV

Copia

Examinando nesta Contadoria do Arsenal Real das Obras Militares o

Livro do Registro dos Termos, nelle a folhas quinze se acha registrado o Termo do theor seguinte: Aos nove dias do mes de Novembro de mil oito centos e treze annos, na Caza que foi de Ayres de Saldanha, estando presente o Intendente Geral e Fiscal das Obras Militares, forão chamados o Architecto Manuel Caetano Caetano da Silva Gaião, e os Aparelhadores de Carpinteiro Jose Ignacio e Manuel Duarte, e do Pedreiro João António, todos empregados na reedificação da dita caza, destinada para Quartel General de S. Exa. o Sr. Marquez de Campo-Maior, para declararem: 1º em que estado de ruina se achava este Edificio antes de principiar a reedificação; 2º se as bemfeitorias executadas redundão em melhoramento do Palacio; 3º que renda merecia o dito Predio antes de bemfeitorizado; a cujos artigos responderão o que entendião em suas consciencias, e em razão dos seus Empregos, e he o que se segue.

Que o Predio se achava em huma total ruina, e quazi inhabitavel, porquanto em toda a parte chovia, achando-se os madeiramentos pôdres, e até alguns abatidos (excepto da Salla das Columnas, unica que se achava em bom estado) os tectos, e fasquiados pôdres; sôlhos completamente arruinados; algumas paredes pendentes, e fora do seu prumo, e quando se pretendeu a sua reedificação, foi preciso apealás: o telhado, e madeiramento do Pa-

lheiro grande estava cahido; nas cocheiras do Pateo tudo he podridão e tudo o mais como portas, e caixilhos, foi preciso á maior parte, fazerem-se de novo, e muito poucos se poderão concertar: todos os canos, que conduzião agoa a diversas officinas, estavam entupidos, e arruinados, e se concertarão desde a sua origem na Tapada: no mesmo estado se acharão os canos das Latri-nas, e mais despejos, que todos se dezentupirão, e quasi se fizerão de novo.

Ao 2º artigo responderão, que toda a obra executada redundando em beneficio e melhoramento do Predio, sem que haja obra alguma, que se possa reputar superflua.

Ao 3º artigo disserão, que calculavão merecia a casa de renda de quatro centos e oitenta mil reis, não entrando terras, que se achão arrendadas se paradamente a Apolinario Nunes de Figueiredo por duzentos e quarenta mil reis. E tendo-se conformado com estas declarações o sobredito Intendente Geral e Fiscal, mandou lavrar o presente termo que eu Thomaz d'Aquino Leal, Contador do Arsenal Real das Obras Militares escrevi, e com as pessoas referidas assignei.—Fava —Thomaz d'Aquino Leal—Manoel Caetano da Silva Gayão—Jose Ignacio—Manoel Duarte—João Antonio—E para constar se passou a presente certidão, em observancia das Ordens do Intendente Geral e Fiscal das Obras Militares e Inspector

dos Quarteis. Lisboa 4 de Janeiro de 1816.—Thomaz d'Aquino Leal.

a) *Gregorio Gomes da Silva*

XVI

Copia

Examinandose nesta Contadoria do Arsenal Real das Obras Militares o Diario da despeza com as diferentes Obras, e mais artigos de Expediente do mesmo Arsenal, nelle se acha lançada a despeza, que se fez com reedificação do Palacio do Pateo do Saldanha para servir de Quartel General em Chefe; cuja obra teve principio em vinte e seis de Abril de mil oitocentos e treze, e finalizou no fim de Setembro de mil oitocentos e quatorze, importando quarenta e quatro contos, duzentos e cinco mil oitocentos e quatro reis, como abaixo se declara:

1813	Abril, desde 26...	336\$818
	Maió.....	2.133\$876
	Janho.....	2.696\$091
	Jalho.....	2.939\$021
	Agosto.....	3.356\$750
	Setembro.....	3.634\$837
	Outabro.....	3.435\$776
	Novembro.....	3.740\$427
	Dezembro.....	4.036\$238
1814	Janeiro.....	3.542\$051
	Fevereiro.....	3.525\$606
	Março.....	4.542\$721
	Abril.....	3.171\$207
	Maió.....	2.576\$365
	Janho.....	278\$035

A transportar 43.945\$819

<i>Transporte</i> ..	43.945\$819
Jalho	14\$320
Agosto	28\$972
Setembro	216\$693
	<hr/>
	44.205\$804

Alem da dita importancia, achase mais lançado no referido livro em varias parcelas, a quantia de onze contos duzentos vinte mil quinhentos sessenta e seis reis, em

que importou o ornato e mobilia com que foi guarnecido o sobre-dito Palacio. E para constar se passou a presente certidão, em observancia das Ordens do Intendente Geral e Fiscal das Obras Militares e Inspector dos Quartéis. Lisboa 4 de Janeiro de 1816—Thomaz d'Aquino Leal.

a) *Gregorio Gomes da Silva*

Homenagem a Mousinho

Por iniciativa do Ex.^{mo} Sr. Tenente-Coronel Pereira Coelho, Vereador do Pelouro dos Serviços Culturais, a Ex.^{ma} Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa mandou depôr, no prédio onde viveu Mousinho d'Albuquerque, uma lápida comemorativa. Tarde se sumirá a onda de comoção que galgou o coração de quantos assistiram à cerimónia que se realizou em 4 de Janeiro de 1936, e foi uma das mais belas, mais emotivas manifestações que a Câmara Municipal tem organizado nos últimos anos. Foi uma grande hora em que se sentiu vibrar a alma portuguesa.

O discurso do Sr. Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, Sr. General Daniel de Sousa

O primeiro discurso foi pronunciado pelo Sr. General Daniel de Sousa que disse, visivelmente comovido:

«A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, da minha presidência, dignifica-se, sobremaneira, prestando homenagem a MOUSINHO DE ALBUQUERQUE. A lápide que se vai inaugurar diz, na sua simplicidade, o bastante para ensinar ao povo a casa onde viveu o glorioso heroi de Chaimite, cuja

memória representa, para todos os portugueses, um simbolo de bravura e de patriotismo.

Não só aos artistas e escritores a cidade deve preitos semelhantes. E se assim fôsse, ainda assim se justificaria para com o nome de MOUSINHO, porquanto êle não foi apenas o soldado, o Chefe de grande e patriótica visão, o governador com uma obra de estadista no ultramar português: foi também e antes de tudo, uma mentalidade distinta e um escritor notável, como o atestam os seus relatórios e até o seu epistolario.

E a prova que a iniciativa da Câmara mereceu o melhor acolhimento

nacional está, além de outras demonstrações, no facto de organismos officiais e particulares da maior categoria, como Agência Geral das Colónias e a Sociedade de Geografia, terem imediatamente acompanhado a nossa ideia promovendo, também, manifestações de uma alta expressão e significado.

A força das circunstâncias impedindo, em virtude do mau tempo, que se realizasse a parada militar, não permitiu que a homenagem da Câmara fôsse, como inicialmente se tinha estabelecido, a primeira a realizar-se.

O illustre official, general Vieira da Rocha, combatente valoroso, «Tôrre e Espada e Valor Militar» nos históricos quadrados das Campanhas africanas, dignou-se aceitar o convite que a Câmara lhe dirigiu para usar da palavra nesta cerimónia.

A justiça da homenagem que se vai prestar e a autoridade do orador, esmaltam de brilho e de prestígio este acto e honram o brasão da cidade de Lisboa.

Vai falar o official ás ordens, o ajudante de campo de MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, nas célebres campanhas dos Namarrais e de Gaza».

Levantou-se, então, para falar, o ajudante de campo de Mousinho, sr. general Vieira da Rocha. E o seu discurso impressionou vivamente toda a assistência»:

Discurso do Sr. General Vieira da Rocha, ajudante de Mousinho

SENHORES:

A illustre Comissão Administrativa da Câmara Municipal desta mui nobre antiga e leal cidade de Lisboa, como intérprete do sentir de todos os cidadãos, honra-se prestando homenagem a um dos vultos do mais alto relêvo da história colonial contemporânea, que a tão soberba culminância levantou o prestígio soberano de Portugal: MOUSINHO DE ALBUQUERQUE.

Não há português, estou certo, que ouvindo pronunciar este nome glorioso, não sinta inflamado em santo orgulho e brio nacionalista, pulsar com mais vigor o coração, vibrante de fogoso entusiasmo a fibra patriótica.

E eu, que fui seu irmão de armas, seu companheiro nas árduas guerras africanas, e de perto admirei a sua bravura serena em face do perigo, a firmeza enérgica da vontade nas horas da incerteza, a audaciosa valentia nos momentos decisivos — todo esse conjunto de raras qualidades que são apanágio do verdadeiro chefe — ao falar de MOUSINHO com respeitosa veneração e enternecida saudade, vejo diante dos olhos ressurgindo, em comovida evocação, envolta no resplendor da glória eterna, a figura aprumada e austera do nobre cavaleiro de Portugal, que rasgou com a sua espada he-

roica amplos horizontes ao esforço colonizador dos portugueses, acrescentando novo capítulo de heroicidade à sublime epopeia lusitana.

Bem me pêsá, Senhores, não ter a pujância oratória capaz de exaltar em rasgos de portentosa eloquência, os feitos prodigiosos daquele esforçado paladino da honra da Pátria, que na voz do povo se ficou chamando o «Capitão MOUSINHO», para encastoar nos louros da sua palma de vitórias, as bagas de oiro do verbo inspirado, e enaltecer, nesta hora evocativa, as sobrenaturais façanhas que o igualam, como símbolo de raras virtudes, aos famosos heróis da história de todos os tempos.

Tão sòmente a palavra rude, mas sincera, do militar, mais afeita a comandar soldados que a burilar discursos, aqui ouvireis, por grata deferência da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, que ao antigo ajudante de campo do herói de Chaimite, conferiu este honroso encargo, em termos de afável cortezia que devo agradecer à camaradagem amiga do ilustre General Presidente.

Não penso agora seguir, passo a passo, a vida colonial de MOUSINHO, desde o seu primeiro estágio em Lourenço Marques, como Governador do Distrito, no ano de 1890, através das vitoriosas campanhas que definitivamente consolidaram a soberania portuguesa nos territórios de poderosos régulos insubmissos,

até à sua investidura como Comissário Régio de Moçambique em 1896, completando no acertado Governo da Província a obra de pacificação.

Não é próprio o lugar, embora asado me pareça o ensejo de avivar na memória do povo os feitos militares e cívicos do insigne capitão que fundamente agitaram a alma popular numa época de mórbida dissolvença política e social, em que ele foi o ídolo das multidões, como é hoje, no limiar da história, um Herói nacional.

Ante o espírito ansioso das modernas gerações, retratando o perfil moral daquele «em quem poder não teve a morte», qual se folheasse as páginas sublimes traçadas nos anais das campanhas de África pela sua espada de rija têmpera, eu quero, não sòmente prestar homenagem do Exército e da Cavalaria Portuguesa ao inclito soldado que às glórias da Pátria consagrou a sua vida — como os audazes cavaleiros das éras medievais erguendo na ponta das lanças belicosas a flâmula dos seus juramentos e a divisa da sua lealdade — mas também reanimar em peitos lusitanos a sagrada chama do amor pátrio, acesa na reverência dos heróis que à maneira do bravo MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, tanto a sublimaram.

SENHORES:

As misteriosas terras de Africa, desde que nos adarves mouriscos

de Ceuta flutuou, vitoriosa, a bandeira de Aviz, foram sempre escola de heroísmo em que se instruiu o espírito guerreiro e se adestrou o forte braço português, quando no território metropolitano já não havia inimigos a combater.

As façanhas temerárias dos ousados cavaleiros de Afonso Africano, o alto sonho imperialista do Rei Desejado em sangue desfeito nos areais escaldantes de Alcácer; os prélios em que tantas vezes os peitos leais de portugueses defrontaram as fréchas empeçonhadas e as traiçoeriras azagaias dos negros ferozes, afirmam tradicionalmente o esforço conquistador, ilustrando as páginas da história colonial.

Mas, se vigoroso fôra o impulso da conquista, nem sempre ao génio batalhador sucedeu, em nossos dias, o tacto administrativo capaz de conduzir à pacificação das tribus sujeitas ao domínio português, mal sustentados o prestígio histórico e a soberania nacional nos amplos territórios que constituíam opulento património nacional, por débeis postos militares de algumas dezenas de soldados brancos, que ao primeiro grito de revolta eram barbaramente chacinados, ou debandavam para escapar à carnificina dos milhares de pretos insurrectos.

Tanto se repetiram de 1890 a 1894, os descatos de franca rebelião, chegando os indígenas revoltados a ameaçar a própria cidade de Lourenço Marques, que o Governo

da Metropole decidiu enviar a Moçambique importantes expedições militares, nomeando Alto Comissário, como delegado do poder executivo, o notável homem público António Enes, a quem a Colónia deveu relevantes serviços.

E rápidamente organizado o plano de campanha, bem preparadas as forças onde enfileirava uma pleiade brilhante de oficiais que foram os heroicos defensores da honra nacional, fére-se a breve trecho em Fevereiro de 1895, o inesquecível combate de Marracuéne, que libertou a cidade de Lourenço Marques das ameaças invasoras dos vátuas insubmissos.

Entre os régulos que ostensivamente desacatavam o pacto de vassalagem avultava o astuto e atrevido Gungunhana, que do seu kraal de Manjacase, desafiando com altiva arrogância a suzerania de Portugal, alentava a rebelião dos sobas seus parentes ou tributários.

Eis a largos traços esboçado o panorama político da Província de Moçambique, onde iria travar-se a luta decisiva entre a barbaria negra e a civilização europeia, de que Portugal foi sempre um dos mais esforçados paladinos.

É neste quadro sombrio que a figura serena e dominadora de MOUSINHO se ergue em toda a grandeza épica. A sua visão clara, num relance apercebe que contra o poderio do famoso chefe vátua Gungunhana, havia de ser vibrado o golpe

mortal, no coração do seu vasto império. E na defesa do plano de aniquilamento do tradicional potentado, pôs a mesma insistência do austero Catão, reclamando ao senado romano a destruição de Cartago.

Após a violenta refréga de Magú que abalára rudemente o prestígio do temerário caudilho negro, a 7 de Novembro daquele ano de 95, o memorável quadrado de Coolela, sob o comando firme do valoroso coronel Galhardo, em quarenta minutos de fogo certo e disciplinado leva de vencida as numerosas e aguerridas mangas vátuas.

Nesta acção gloriosa, o bravo Capitão MOUSINHO a cavalo, no interior do quadrado, à frente do seu esquadrão, sofrendo a áncia de romper numa carga impetuosa a massa negra que se agitava na sua frente, em confusa grita, brandindo azagaias, deu exemplo de serenidade corajosa, firme na séla, exposto ás balas o nobre peito, incutindo valor e confiança aos seus fieis lanceiros.

A vitória de Coolela abriu aos portugueses o caminho de Manjacase. Era ali a séde do império, o castelo de muralhas palissadas do maior senhor feudal do Sul-Africano.

E quatro dias depois, as labaredas do incêndio, reduzindo a escombros o principal reduto da resistência rebelde, em cinzas, sepultavam o poderoso e lendário domínio vátua.

Mas sobejava ao prudente Gungunhana, o tempo de pôr-se a salvo com alguns dos seus grandes, que o não abandonaram. E, embora, virtualmente, estivesse aniquilada a sua influência nefasta para a soberania portuguesa, entre os régulos visinhos que se apressaram a «pegar pé» não deixava a presença do ardiloso negro em territórios onde tivera despótico senhorio, de constituir grave estôrvo à pacificação regional e perigosa ameaça de novas rebeldias.

Já então governando o Distrito de Gaza, MOUSINHO empreende, através do sertão, a marcha perseguidora.

Pouco mais de quarenta brancos, entre oficiais e soldados, com algumas impis e auxiliares, pouco merecedores de confiança, compunham a reduzida hoste. Assinalado, por informações, do asilo do Gungunhana, atravessam pântanos, trepam encostas lodosas, pisam terras escorregadias, debaixo de insistente chuva, ao sol abrasador. E, finalmente, a 28 de Dezembro — há quarenta anos! — exaustos da fadiga, macilentos de febre e dos tormentos da fome e da séde, a impaciência daquele punhado de homens, resolutos na constância da sua fé, conduzidos pela energia do chefe audacioso, esquecidas privações e cancelas, converte-se em alegre entusiasmo, ao avistarem a povoação designada como refúgio do régulo que buscavam: CHAIMITE.

Foi nesta gloriosa jornada de Chaimite, que a decisão e arrôjo do grande Capitão, se vincaram em traços indeléveis de grandesa épica! Foi nesse epílogo de tragédia, que num rasgo heroico, a ousada bravura de MOUSINHO confundiu, domou e venceu a altiva arrogância do rebelde potentado vátua, de espada em punho acometendo, à frente de meio cento de soldados, o acampamento do temido senhor das terras de Gaza, submetendo-o, humilhando-o na presença de centenaes de guerreiros das suas impis bárbaras, que, mudos de assombro, enfeitiçados pela intrépida ousadia daquele sobrenatural chefe branco, se quedavam em estática imobilidade!

A entrada em Lourenço Marques, do Gungunhana, preso e algemado no meio da escolta dos seus captives, entre o espanto e regosijo de tóda a cidade, foi o coroamento do triunfo, a que se associaram os nomes de Sanches de Miranda, Costa Couto e Dr. Amaral, companheiros de MOUSINHO, na jornada heroica.

Mas, não repousa MOUSINHO à sombra dos louros da assinalada vitória.

Vêmo-lo ainda, dois meses depois, à frente de ligeiro destacamento de dezassete soldados de cavalaria e meia centena de indígenas, sufocar a rebelião de Mapúto, onde Maguiguana, principal chefe militar e conselheiro do Gungunhana, andára

fomentando levantamentos contra a autoridade portuguesa.

Em 1896-97, bate em rijos combates os indígenas Namarrais, que há muitos anos estavam insubmissos.

A-pesar-de tão heroicos feitos, a pacificação não fica terminada. O grande chefe de guerra, Maguiguana, que se tornára chefe dos vátuas depois de Chaimite, revoltase contra o Governo de Portugal, e a 21 de Junho de 1897, tem lugar o memorável combate da planície de Macontene, no qual, depois de algum tempo de fogo, MOUSINHO, num golpe de vista táctico, vendo as «mangas» inimigas vacilarem no seu avanço, sai do quadrado com a cavalaria, e, numa carga brilhante, desbarata por completo o inimigo, que foge em tódas as direcções, perseguido pela cavalaria e auxiliares indígenas, tendo-se o chefe Maguiguana, refugiado em sítio seguro. MOUSINHO, porém, não descança, e à testa dum pequeno destacamento de cavalaria e cipais, vai no seu enalço em veloz *raid* através dos sertões, até surpreender em Mapulanguene o fugitivo, que ali foi cercado e morto no combate, em que bravamente se defendeu.

E a cabeça do famigerado chefe, como derradeiro troféu da vitória, mostrada no Chibuto às tribus da região, foi o penhor da inteira pacificação da colónia.

A par dos feitos brilhantes que o ilustram como chefe militar, a

acção administrativa do Comissário Régio foi notável e proveitosa em benefícios para a Província de Moçambique, e demonstrativa da ponderação e justiça do seu espírito organizador.

A organização militar e administrativa da Província; as reformas tributária e monetária; o regulamento de emigração indígena; o início das obras do pôrto de Lourenço Marques — foram providências acertadas e oportunas, que largamente concorreram para consolidar a unidade administrativa de Moçambique e o seu desenvolvimento económico.

O nome de MOUSINHO é venerado na África Oriental Portuguesa, com o mesmo respeito que na Índia o merece o de Afonso de Albuquerque.

A soléne homenagem que neste dia, em patriótica comemoração do aniversário de Chaimite, a edilidade de Lisboa, quiz tributar ao grande MOUSINHO, é uma primeira prestação da dívida nacional em aberto com a sua gloriosa memória.

A lápide que aos vindouros perpetuará em letras de oiro as virtudes do Herói, indicará aos que passam a casa que foi o lar dos seus íntimos affectos, onde viveu ao lado de sua virtuosa esposa, alma gémea da sua companheira das horas boas e más da sua existência aventureira, que através dos sertões africanos o seguiu e os feridos confortou com o carinho da sua assistência de enfermeira dedicada — a ilustre Se-

nhora D. Maria José Gaivão Mouzinho de Albuquerque.

O culto dos heróis é bronzeo lampadário em que a chama do amor arde eternamente no altar da Pátria, e a tradição dos gloriosos feitos alimenta, alumando os espíritos na inspiração de novos empreendimentos.

Sobre o pedestal de glórias que a espada de MOUZINHO cimentou, algum dia se há-de erguer em praça pública da Cidade, feita de bronze dos canhões, a estátua que imortalize o seu vulto — símbolo de bravura e lealdade, como é já imortal a sua honrada memória.

SENHORES:

Ao assistir, agora, em frente desta casa, à manifestação em que vejo associados as entidades oficiais e o bom povo de Lisboa, acode-me à lembrança aquéle outro dia de Dezembro de 1897, quando MOUZINHO, de regresso da campanha, desembarcou no Arsenal onde o estavam esperando o Rei D. Carlos e o Infante D. Afonso, o Governo e multidão infinda, e atravessando em triunfante cavalgada as ruas da cidade, entre aclamações entusiásticas, aqui veio acolher-se à tranquilidade familiar. E como o povo, comprimindo-se nesta mesma rua, o vitoriasse ainda, MOUZINHO assomou a uma das janelas, hirto na sua farda de guarnições vermelhas, o rosto anguloso contraído em visível comoção, embaciado, porven-

tura de lágrima sútil, o inseparável monóculo.

Agora não veremos como então, perfilar-se no rectângulo da janela, o seu vulto marcial, cerrado para sempre no silêncio do tumulo.

Mas a sua imagem está diante da minha saudade, está diante de vós todos, de Portugal inteiro, avultando no pórtico monumental da História, no radioso esplendor da Imortalidade!

Disse.

Em nome da familia de Mousinho, pronunciou curtas palavras o Sr. Dr. Pedro Queirós Gaivão, que aludiu ao seu luto provocado pela morte do Dr. Pedro Gaivão, dizendo que isso o impedia de ser mais extenso nas suas palavras de agradecimento.

Descerramento da lápida

O Sr. General Daniel de Sousa fechou a série de discursos com estas palavras:

«Antes de proceder à cerimónia do descerramento da lápide, em nome da cidade de Lisboa, dirijo a V. Ex.^{as}, Srs. Ministros, e a tódas as autoridades superiores aqui presentes, os meus agradecimentos pela honra que deram a este acto com a sua comparência. Saúdo os companheiros de Mousinho que felizmente ainda são vivos, testemunhas da sua epopeia de glória e que hoje ainda aqui vieram com o pres-

tígio da sua história militar dar brilho a esta cerimónia de justiça e de saúde. Cumprimento respeitosa-mente os representantes da familia do herói e a illustre senhora que foi devotada esposa de Mousinho de Albuquerque e de quem o distinto escritor Eduardo de Noronha escreveu: «A recordação do seu perfil bondoso, sereno e nobre, é como um simbolo de paz e de perdão; a sua estada no Chibuto constituiu uma suavíssima bonança, no meio da desencadeada tempestade de lutos, mortes, sangue e incêndios, no meio de tódas as violências que formam o triste e sinistro cortejo da guerra. Hoje pertence a uma indelevel tradição». Finalmente, agradeço ao Sr. General Vieira da Rocha a brilhante cooperação dada através da sua eloquente e expressiva oração, e ao povo de Lisboa, que tão sinceramente acompanha sempre estas manifestações de nacionalismo e de amor pátrio, e de quem nós procuramos ser fiéis interpretes e representantes».

O Sr. General Daniel de Sousa convidou então, o 1.º cabo Manuel Bento, companheiro de Mousinho, a descerrar a lápide, que diz:

«Nesta casa viveu Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque, glorioso official de Cavalaria, herói de Chaimite, uma das mais brilhantes figuras militares portuguesas e, um dos mais notáveis administra-

dores coloniais. — 1855-1902 — A Comissão Administrativa do Município de Lisboa — 1935».

Ouviram-se «A Portuguesa» e uma marcha militar, e em seguida

tôdas as fôrças em continência desfilaram ante os membros do govêrno e da Câmara e a imorredora figura de Mousinho prepassou também numa sombra de saudade, nimbada de glória.

O Poço que ri

Conferência sôbre «Rafael Bordalo Pinheiro e o seu tempo», proferida na Sociedade Nacional de Belas Artes na noite de 8 de Fevereiro de 1936, 11.^a da série promovida pelos «Amigos do Museu Rafael Bordalo Pinheiro».

*Minhas Senhoras:
Meus Senhores:*

A caricatura é uma das mais terríveis armas de guerra aplicadas ao ridículo humano. Picr do que o canhão! Porque o canhão mata — a caricatura mutila. Antes das duas linhas de legenda que são vitriolo atirado ao rosto da personagem, a caricatura despenteia-a, deforma-a, desarticula-a, fá-la dançar o S. Vito da desfiguração, até categoria, poder, majestade se tornarem bonecos de pasta sôbre que caiu chuva em quarta-feira de cinzas.

A par-de êstes golpes de jiu-jitsu que torcem as articulações, a caricatura atordoa a vítima com o gás asfixiante do riso desencadeado pela mísera figura.

Cada época, porém, tem os seus problemas e seus conflitos, e a caricatura seus têmes e seus alvos. Para

Daumier e Henri de Monnier — o criador de *Monsieur Prudhomme* —, os adversários do humorista eram os burocratas, os magistrados e a burguesia.

Sucederam-lhes no patíbulo os parlamentares.

E como o tempo actua sôbre a tática da caricatura como sôbre a de qualquer arma, à medida que se aproxima do período contemporâneo, à bonomia e à graça rendem-nas a ironia acerada e a crueza. A ênfase do *Senhor Prudhomme* que fez rir a geração anterior à nossa, tinha no fundo certa ingenuidade inofensiva. Basta compará-la com a violência das páginas de Hermann Paul ou de Forain por onde os mesmos tipos perpassam.

Entre as cortesãs de Gavarni, de Grevin, de Bertall ou de Grandville, sêres de graça e de abandono, arroxeadas de melancolia, e as mu-

Iheres de Toulouse-Lautrec ou de Steinlen, que abismo! As primeiras comovem — as segundas repugnam.

O riso perdeu em amargura o que ganhou em sarcasmo, como em Forain que podia dispensar o lápis e contentar-se com a legenda escrita a fôgo.

Na própria conversa, os seus ditos já não eram bolas de papel, mas balas *dum-dum*.

Lembro... quatro ou cinco.

Uma noite em casa de certa princesa parisiense, Forain ceia com Marcel Prévost, Cécil Sorel e outras personagens do mundo literário e teatral francês. Em dado momento, a conversa incide sôbre a velhice da mulher e principalmente das actrices. Cécil Sorel declara categorica:

— «Quanto a mim, tenho resolução formada: ao primeiro sinal de velhice, desfecho a minha *browning* e meto uma bala na cabeça!»

— «Fôgo»! — exclama Forain.

Outro dito sangrento: um amigo de Forain desposa o próprio modelo. Forain é convidado para a cerimónia religiosa. Terminada a missa, os noivos recebem na sacristia os cumprimentos. Forain aproxima-se do ex-modelo de pintores, e como cumprimento diz-lhe:

— «É extraordinário, como fica bem depois de vestida!»

Um dos mais notáveis desenhos de Forain, anti-democrático, anti-republicano, anti-hebreu, é uma mu-

lher, a República, pálida e definhada que por legenda tinha estas palavras:

«Como era bela a República sob o Império!»

De uma dama republicana, tão importante como mal educada, disse Forain:

— «É uma das inúmeras pessoas convencidas de que a gentileza faz parte dos privilégios abolidos pela Revolução.»

A sua sátira acerba exerceu-se em todos os campos. Num dos desenhos da série intitulada *Os Animaes*, as galinhas vão ao Jardim Zoológico ver os macacos. Uma delas pergunta:

— Que falta aos macacos para serem homens?

Responde outra:

— Dinheiro!

Poderia passar o serão a contar ditos de Forain e a recordar a evolução da caricatura através dos tempos.

Porque a verdade é esta: poucas produções artísticas como a caricatura sofrem a influência dos séculos.

O riso é eterno. A maneira de fazer rir andou e andarás sempre sujeita às leis da moda.

Rafael Bordalo, como todos, é o caricaturista doseu tempo. A sua obra é o espelho de Portugal do sec. XIX. Aos seus lápis, aos seus carvões, aos seus nanquins, pode ir-se buscar documentário para inventariar e reconstituir tipos, costumes, meio e

indumentária, a própria história desse fim de século.

A própria história! Afirmou-o Hintze Ribeiro, a alguém que estranhava a comparação do estadista no funeral de Rafael Bordalo.

— V. Ex.^a foi das figuras mais... caricaturadas pelo Bordalo.

— Fui... É por isso mesmo quando quero recordar a minha vida política, folheio as páginas do Bordalo. A minha história política não está no *Diário das Câmaras*, mas nas colecções dos jornais de caricaturas de Rafael Bordalo.

Exacto: nos seus desenhos e esboços encontra-se o facto flagrante e a semelhança em que tinha, imprescindivelmente, de assentar o seu alacre poder de deformação caricatural. As suas caricaturas, antes de partirem à carga, baioneta calada, deixam retratos admiráveis como todos os de Hintze, como o de Teodorico, único documento iconográfico do popular actor que nunca consentiu que lhe fotografassem a papeira e o cachaço giganteu.

Essa faculdade anda no dote dos grandes caricaturistas. Mayor, que os Estados Unidos cognominaram, com espírito e certa justiça, «o maior caricaturista do mundo», perante a sua galeria dos políticos americanos e das personagens mundiais que compuseram a primeira sessão da Sociedade das Nações, dispõe desse dom até o inverosímil e até à anedota. Mercê dessa força, caricaturou todos os homens públicos

norte-americanos, encomenda dada e paga pelos adversários de cada justicado, justamente porque o processo de Mayor é exagerar os defeitos ou incorrecções físicas de cada modelo. Basta-lhe para isso vê-lo uma vez. Essa prodigiosa memória valeu-lhe apanhar um motorista fugido com avultada demasia. Mayor chegou a Roterdão, tomou um automóvel e pagou com uma nota grande.

O motorista pôs o automóvel em movimento e desapareceu. Mayor foi queixar-se à policia.

— «Número do carro?»

— «Não reparei.»

— «Nome do *chauffeur*?»

— «Não sei.»

— «Então...»

— «Mas posso desenhar o retrato dele...»

E, com a facilidade com que fez a minha caricatura numa noite de Florença, traçou em minutos o retrato do motorista gatuno, imediatamente reconhecido, identificado e preso.

Bordalo executava pelo mesmo processo, e com a mesma maestria, quantos abalavam com glória que lhes não pertencia.

Até as vítimas ficavam intrigadas, perguntando entre si onde e quando Bordalo as surpreendêra, como succedeu com Barjona de Freitas. Vendendo-se, em caricatura, de trajes menores e capote à espanhola, Barjona cismava:

— «Mas quando é que aquele diabo me viu assim?!»

Vira-o uma vez que, sendo Barjona Ministro da Justiça, Rafael Bordalo fôra a casa dêle, incorporado numa comissão da Imprensa, para qualquer reclamação platônica. Barjona era um noctívago, os jornalistas foram acordá-lo, e, para os não fazer esperar, saltou da cama, cobriu-se com a capa à espanhola e assim lhes apareceu.

Também vingou-se bem. Barjona ficára sempre coimbrão, sempre fulgurante de espírito. Lembro-me de Emídio de Oliveira me contar que, perguntando-lhe se era maçã, Barjona respondera:

— «Sou... tôda a gente é maçã.»

— «Mas você frequenta a Maçonaria?»

— «Ah! isso não! Só lá fui uma vez... para a iniciação. Encontrei lá a tratar-me por irmão sujeitos que eu não queria nem para primos, nunca mais lá voltei.»

Dias depois da caricatura do capote à espanhola, Barjona encontrou Bordalo na Avenida. Foi direito a êle, enfiou o braço no braço de Rafael e andou uma meia hora a passear, para cima e para baixo. Nesse tempo, Lisboa tôda, a Lisboa política, burocrática e mundana, ia tôdas as tardes «fazer Avenida».

Barjona — assim que cumprimentou o Rei, que em ligeira «vitória» passara e repassara fardado de generalíssimo e ajudante à esquerda, a Rainha acompanhada da Dama de Serviço, o Senhor Infante, ministros, o meio oficial, a comparsaria políti-

ca, — despediu-se de Bordalo com esta frase:

— «Esta gente tôda que nos viu passear de braço dado ha-de dizer lá com os seus botões: Tão bom é um como o outro!»

Esta faculdade de retentiva e semelhança em que insisto, porque, além do mais, atesta o domínio do desenho que êle tinha e o sr. Saavedra Machado tão amplamente demonstrou, anunciou-a Bordalo logo de entrada, à estreia, no *Calcanhar de Achilles* que participa mais de registo de celebridades do que da flechada humorística, mais album do que panfleto.

Os próprios caricaturados riam, a começar por Herculano. Quando Bordalo lhe foi mostrar à loja do Bertrand a caricatura que o figurava de azeiteiro ambulante, latas ao ombro e funil na mão, o sisudo historiador começou por còrar. Mas acabou por lhe achar graça. De cabeça inclinada para a estampa, passou o lenço tabaqueiro pelo nariz repetidas vezes, e repetidas vezes se ficou a dizer:

— «Sim, senhor! Sim, senhor!»

O iracundo Bulhão Pato, a recitar, de caçadeira em punho, entre coelhos e perdizes, compreendeu o preito que Bordalo lhe votava.

Nem Rebelo da Silva, nem Píneiro Chagas, nem Ramalho, nem Júlio César Machado, nem Fernando Palha, nem Teixeira de Vasconcelos, nem João de Deus, nem Manuel de Arriaga, ninguém da pléiade li-

terária de duas gerações se deu por magoado.

À cabeça das mais mordazes caricaturas estava a de António José Viale. O professor Viale, mestre de grego no antigo Curso Superior de Letras, foi sempre um bombo de festa. Fialho celebrizou-o como classicista que levava o seu entusiasmo camonista a pontos de mesmo na vida doméstica se servir de estâncias dos *Lusíadas*. O ironista dos *Gatos* caricaturou o pobre professor Viale, a entrar para o banho; ao meter a perna direita na banheira, Viale exclamava:

— *Aqui onde a terra acaba e o mar começa...*

Bordalo inaugurou a flagelação de Viale, representando um curso de grego, freqüentado pelas celebridades literárias do tempo, que a palavra do helenista adormecia, e fazia cabecear a vela que os alumiaava, o relógio de parede, os objectos e adornos da sala.

Não consta, porém, que Viale desafiasse Bordalo para o duelo à pistola, tão no gôsto da época.

Só Castilho, o intangível patriarca do Olimpo português, se arrenegou ao saber-se caricaturado num cenário ateniense, de túnica, manto e lira.

Mas o *Calcanhar de Achilles* roçava mais pela homenagem do que pelo ataque.

Na *Berlinda*, a que ainda não pode chamar-se jornal, Bordalo mostra todavia, objectivos de *charge* à política internacional, figurada e re-

camada daquela superabundância de pormenorização concretizadora que lhe ficou até ao fim da carreira, com excepção das páginas de síntese que atingiram a sobriedade das obras primas.

No Brasil é que o caricaturista se afirmou plenamente. *O Mosquito*, jornal ilustrado fluminense, proporciona-lhe o sonho doirado de ir trabalhar para o Brasil. Vai viver para uma *república*, nas Laranjeiras, com Artur Napoleão e Ciriaco de Cardoso.

Rafael Bordalo tem, então, trinta anos e o diabo no corpo. Com a mesma desatenção pelos próprios interesses que tôda a vida o acompanhou, a primeira coisa que faz ao chegar ao Brasil, contratado por jornal brasileiro, é caricaturar o Brasil e os brasileiros, o Imperador e os seus ministros, intrometer-se com tudo e com todos, envolver-se numa campanha anti-clerical, a maior, a única preocupação política que atravessa a sua obra, mais do que a ideologia republicana.

Essa mesma não vinha de dentro para fora mas de fora para dentro, pois que a questão religiosa debatia-se e apaixonava, ao tempo, o Brasil, tanto ou mais do que o abolicionismo.

A celebridade para êle foi uma escalada. E tão célebre como o seu lápis só a sua elegância e a sua alegria.

Deram brado algumas das suas partidas, como esta. Pleno carnaval,

aquele carnaval brasileiro, sumptuoso, trasbordante, vivo, mais intenso do que o oficializado carnaval de Nice. Na pedra do jornal, como tôda a imprensa da época instalado na Rua do Ouvidor, e cuja administração ficava ao rés da rua, Bordalo desenhou a caricatura do Comissário da Policia que enormes colarinhos caracterizavam.

Sucesso da gargalhada, multidão aglomerada diante da pedra, trânsito interrompido.

O Comissário da Policia acode, a saber o que provoca tal aglomeração. Dá com a própria caricatura e manda dizer por um guarda que sáfem aquilo.

Bordalo suprime a figura, mas deixa ficar os colarinhos.

Maior êxito, gargalhadas retumbantes.

O Comissário da Policia torna a passar e ordena, enfurecido, que apaguem o resto,

Bordalo cumpre. Apaga os colarinhos, mas escreve na pedra esta simples e inocente legenda:

— «Fôram para a lavadeira».

Estas e outras folias quási o incompatibilizaram, com o Brasil e ei-lo que regressa a Lisboa, depois de criar no Rio de Janeiro o tipo do Fagundes — espécie de conselheiro Acácio brasileiro, — consagrado numa das suas mais faladas páginas fluminenses.

Estamos no reinado de D. Luiz, ou se quisermos no reinado de Fontes — os dois mártires do lápis

caricatural de Bordalo no *Antonio Maria*, cujo título fôra buscar aos dois primeiros nomes do estadista: *Antonio Maria* de Fontes Pereira de Melo.

Geração política de gigantes, Braancamp, Hintze, Lopo Vaz, José Luciano, Sampaio, António Augusto de Aguiar, Mariano, João Crisóstomo, José Luciano, Tomaz Ribeiro — Bordalo brinca com ela, faz dela gato sapato.

A vítima pertinazmente distinguida pela mordacidade de Bordalo — Fontes.

Falasse nas Câmaras ou estivesse calado, o estadista podia contar que Bordalo não o esquecia.

Já não era uma personalidade da política portugêsa, mas um símbolo, o alvo.

Fontes, sempre e de todas as formas e feitios: de corôa na cabeça, de fadista, de ama de leite com Rodrigues de Sampaio ao colo, de arlequim, de prima dona decotada e magricela, de ché-ché, de trintanário, de jesuita, de Maria Rita, de tanga, de pelotiqueiro e de manto real, até de Santo António de Lisboa!

Desfilam outros figurantes de S. Bento e do Paço. Todos — o Duque de Ávila, o Bispo de Viseu, o general Macedo, o conselheiro Arrobas, Saraiva de Carvalho, o Rosa Araujo e o conde do Restêlo, D. Luiz, o Infante D. Augusto, D. Fernando, o conde de Burnay, deputados, Pares do Reino, minis-

tros, archeiros, o infalível jesuita da sua obra, e sempre, sempre — a mulher de capote e lenço, Fontes, o gato e o resignado Zé Povinho, criação formidável de Bordalo.

Afora a politica, as letras e as artes dão-lhe páginas de interesse e oportunidade, como as consagradas a João de Deus, ao *Mandarin*, do Eça, a Camilo, a Calderon, ao *Portugal contemporaneo* de Martins, aos centenários de Camões e de Pombal, e às visitas a Lisboa de Júlio Verne e de Afonso XII.

Quem quiser reviver o teatro da época não tem mais do que folhear o *Antonio Maria*. Saltar-lhe-ão aos olhos as glórias do palco português e estrangeiro: a Virgínia, a Judic, a Delfina, a Sarah Bernhardt, a Rosa Damasceno, Borghi-Mano, a Paladini, o Tamagno, o Gayarre, o Rosa Pai, o genial António Pedro.

Uma pundonorosa attitude com a imprensa diária fá-lo acabar voluntariamente com o *Antonio Maria*.

Quatro meses depois ressurge o panfletário do lápis nos *Pontos nos i i*.

Mas a esse tempo, o caricaturista sai-nos oleiro. Apaixona-se pelas Caldas, e transporta para o barro a sua alegria e a sua veia de caricaturista.

Em todo o caso, um transe nacional agita-o como a todo o povo português — o *Ultimatum*. E Bordalo encontra outro alvo: a Inglaterra. Não apenas no jornal mas em illustrações, como as *d'A Marcha do Odio* de Junqueiro, deixa

iconografia patriótica que traduz e documenta o momento histórico.

A seguir ao 31 de Janeiro, um artigo de Fialho, intitulado *Glória aos Vencidos*, expõe o jornal à suspensão.

E Bordalo reaparece um mês depois com o 2.^o *Antonio Maria*, série irregular, dada a absorvente jornada ceramista.

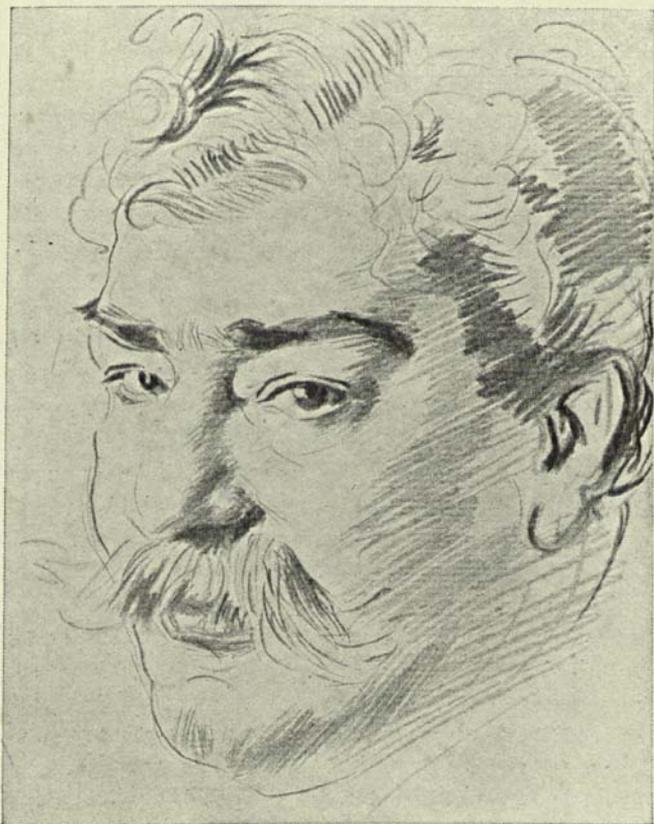
O caricaturista está enfastiado da caricatura politica. Sente-se-lhe mesmo certo cansaço. As suas aparições têm intermitências. Atribulações da Fábrica das Caldas e qualquer amargura íntima quasi emperram o lápis genial.

A cerâmica torna-se-lhe paixão, a fábrica vive precariamente, dos fornos sai a Jarra Beethoven que, exposta em Lisboa no Jardim de Inverno do *Teatro D. Amélia*, deslumbra, como a toda a gente, o senhorio da casa do Largo da Abegoaria onde Rafael viveu vinte e nove anos sem pagar renda. Dizia o senhorio que por bem pago se dava com a honra de ter tão grande artista por inquilino. Perante a impressão que a jarra lhe fêz, Bordalo quiz oferecer-lha. O excepcional senhorio recusou:

— «Não aceito. O que v. deve fazer é ir ao Brasil vendê-la!»

Assim se gerou a idea de levar a Jarra Beethoven ao Brasil. E um belo dia Rafael Bordalo sai outra vez a barra.

Vai para tornar, apenas fazer uma exposição das suas loiças no



RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Retrato pelo notavel pintor inglês John Sargent, na sua visita a
Alcobaca, em Julho de 1905

Rio de Janeiro: os seus gatos, os seus sacristães, as suas lagostas, os seus repólhos, os seus pratos de azeitonas, os seus Zé Povinhos, as suas mulheres de capote e lenço, os seus John Bull, as suas andorinhas, e principalmente a Jarra Beethoven.

Declarado êxito, artistico, material, afectivo, apenas com umas horas de inquietação — as que se seguiram à extracção da Lotaria da Candelaria a que subordinara o sorteio da Jarra Beethoven.

O nome e as relações de Bordalo, conjugados com a influênciã de Vasco Ortigão (filho de Ramalho), não conheceram dificuldade em espalhar os bilhetes da tómbola.

Andou a roda. Sabido o número da sorte grande, Rafael procurou o possuidor do número correspondente da tómbola. Não havia na lista nome correspondente a êsse número. O Vasco, sua alavanca, affectuoso, devotadíssimo e desinteressadíssimo tutor nessa jornada, também se não lembrava.

Bordalo fica sobressaltado, preocupado com o aspecto moral do caso. O que se não diria, se o acaso quisesse que a jarra lhe saísse a êle?! Mas tal não podia succeder, porque os bilhetes estavam todos passados. Quem era, então, o possuidor do bilhete premiado?

E Rafael, a quem, quando lhe dava para empreender numa qualquer preocupação, ninguém le-

vava a palma, dava voltas à memória.

Até que lhe ocorreu que, na tarde inaugural da exposição, recebera um sobrescrito fechado, no mesmo momento em que chegava o Presidente da República. Recordando-se mais que nêsse dia se vestira de sobrecasaca, mandou um próprio ao hotel ver se nas algibeiras estaria o tal sobrescrito. Seu dito seu feito: o demónio do sobrescrito lá estava, contendo nem mais nem menos do que cinco bilhetes da tómbola recusados pelo conde de S..., e entre êsses cinco justamente o número premiado.

Nova arrelia de Rafael, a sua repulsa de ficar com a jarra Beethoven e a resolução de a oferecer ao Brasil, o que fez. Lá a vi anos depois no Palácio do Catête.

Tudo se passou pelo melhor: Jarra Beethoven vendida por soma que nenhum particular em Portugal ou Brasil cobriria nem atingiria, repercussão aclamadora do belo gesto da oferta ao Brasil. Só não passou a Rafael a birra com que ficou ao conde de S... a quem nas conversas crivava de anedotas, de ditos, de análises, de facécias, ilustrando os comentários com um *kodak* que êle prometia publicar quando acabasse o folhetim sobre o Visconde de Faria, e que representava o titular de pé, no banheiro, a puxar a corrente da *duche*. O que Bordalaria e fazia rir com a vaidade que o

conde mostrava ter na sua barriguda academia!

Mas o folhetim humorístico, inspirado no visconde, salvou o conde de S... do pelourinho caricatural de Bordalo, que todavia o não poupava ao sarcasmo oral.

Tirada essa sombra, a viagem de Rafael Bordalo foi uma embaixada de gala que, além de o restaurar financeiramente, teve o grande mérito de lhe levantar o moral e de o restituir à vida de produção.

Datam dessa época as minhas estreitas relações com Rafael Bordalo Pinheiro.

Como na véspera da partida de Rafael, bastante abatido, eu o visitasse e o primeiro artigo de saudação que elle leu ao desembarcar no Rio de Janeiro fôsse um artigo meu, no *Paiz*, de que era colaborador, a primeira visita que Rafael, alegre, resuscitado, fez em Lisboa foi à minha tabaida do Lorêto.

Lisboa era, então, uma cidade de trato amêno como o seu clima. Não havia convulsões políticas, e, além do pagamento semestral da renda de casa, o lisboeta desconhecia quaisquer outros sobressaltos.

A vida social decorria sobre um leito de certezas, como águas de rio.

Os partidos governavam cada um três anos, uma vez o Hintze, outra vez o José Luciano, sabendo-se que se os Regeneradores estavam contentes os Progressistas andavam tristes, e que quando to-

casse aos primeiros a vez de rirem, os outros tinham de choramingar, lembrando certas garrafas de Aniz del Mono, com as duas faces uma a rir outra a carpir.

Com o mesmo sincronismo se sabia que em Março, o Teatro D. Maria e o Teatro D. Amélia davam às outras casas de espectáculos o sinal de encerramento da época e à Praça do Campo Pequeno o toque de alvorada.

O calendário do lisboeta era matemático: dia certo da partida para as têrmas, para o campo, para as praias.

A cidade, em Agosto a meados de Setembro, tornava-se deserto.

Outubro entrante, chegava a hora deliciosa da Avenida, o breve outono com as promessas teatrais, o elenco de S. Carlos, os projectos dos homens de letras e artistas, e o regresso às tardes da Avenida.

Essas tardes davam à Lisboa dos fins do século XIX e alvôres d'este trepidante século XX, a sua singularíssima característica: mixto de aglomerado provinciano, convivendo no parque da terra, e de cidade europeia.

Ninguém faltava: o funcionalismo, a política, a arte, o dinheiro, a beleza, a burguesia, e a côrte. A Família Real também aparecia, D. Carlos de pequeno uniforme de generalíssimo, a Rainha, às vezes os Príncipes, o Infante D. Afonso, nos seus landós. Duas filas de caruagens subiam e desciam, a trote,

a Avenida, enquanto as senhoras, com o livro de missa dentro do regalo, sentadas nas cadeiras de ferro, desengonçavam as cabeças, a responder aos chapéus altos que amoleciam as abas com os repetidos cumprimentos.

O próprio Marquês de Soveral, nas suas raras visitas a Lisboa, comparecia na Avenida. Estou a vê-lo em certa primavera, ainda bem moço, farto bigode negro trasmontano, chapéu de côco castanho de grandes abas, a dizer com *fraque* também côr de castanha, que abotoava com uma tranquêta de dois botões, pormenor que estonteou os leões alfacinhas.

A Avenida era uma sala de visitas ao ar livre, sem liberdades. Basta dizer-se, e digo-o sob palavra de honra: nêsse tempo as senhoras andavam vestidas.

Tanto que os janotas sexagenários, de luva de pele de cavalo, a fumar por boquilha de âmbar, chapéu alto e reluzente, calça a desenhar-lhes as pernas de cavaleiros, postavam-se à beira dos passeios, para ver entrar nas carruagens as senhoras que se haviam apeado, a dar uma volta a pé. Era a cupida esperança de que, ao pousar o pèzinho no estribo da carruagem, a dama subisse um pouco mais a saia que pousava na biqueira da bota, e entremostrasse a canela!

Candurosos tempos, candurosos e lentos que davam tempo a que

o lisboeta perdesse duas horas, na esperança de ver um osso!

Também, se conversava ainda, e todos entendíamos a linguagem comum, porque o calão ainda não dividira os portugueses.

Não se concebia a vida sem as tardes da Avenida, onde se namorava, se sabia dos acontecimentos parlamentares, se discutia o discurso de António Cândido, se comentavam as audácias de João Arroio ou as arremetidas de José de Alpoim.

Ali se encontrava tóda a gente e se ouviam as grandes novas da politica ou os escândalos que hoje dariam enfadonhos casos de acanhada castidade. Dali se conheciam todos de vista e de nome, pelo menos.

Foi esta sociedade e esta época a última que Bordalo comentou, criticou, satirizou, celebrizou na *Parodia*.

Não se faz idéia da retumbância dêsse último semanário de Bordalo! Anos e anos calado, exilado nas Caldas, remetido ao seu silêncio de oleiro, quando reapareceu uma aclamação o recebeu.

O semanário saíu aí pelo meio dia; e às três da tarde, recebia eu, no meu refúgio da *York-House*, às Janelas Verdes, êste telegrama de Rafael Bordalo:

«Grande sucesso. Hoje, jantar no *Bragança*. Não falte.»

Éramos além do Pai Bordalo, o Manuel Gustavo, João Chagas, Justino Guedes.. ao todo treze. Pas-

sou-se um ano, sem morrer qual-quer de nós, e continuámos a juntar-nos ou para jantar ou depois do jantar.

Oh! êsses jantares do *Tavares!* que alegria e que apetite! Bordalo, então, excedia-nos a todos, quer numa quer noutra.

Fôsse jantar de casaca, como o do *Bragança*, ou de jaquetão como os do *Tavares*, a cena repetia-se. Bordalo, saboreada a sopa, exclamava:

— Rica sopa! Há muitos anos que não comia uma sopa assim! Sim, senhor! Apetece não comer mais nada!... E se repetíssemos, vocês que dizem? Outro pratinho, ein? Não querem? Pois quero eu. — *E chamando o criado*: — Traz lá outro prato de sopa.

E, todo o jantar, assim era louvado um ou outro prato e repetido por excepcional. Bordalo não era propriamente um comilão. Comia pouco e lentamente, porque se interrompia com as suas anedoctas. Ceava todas as noites no *Tavares* que se pagava com a honra de o ter por frequentador. E a ceia a maior parte das vezes era «assorda com chapéu de palha», isto é, assorda de alho com um ovo estreado em cima.

Se não se jantava, aparceirávamos para o café.

Eram, então, as noites inesquecidas do *Suisso* e do *Tavares* que abriam por um longo concílio para a escolha dos licores.

— Que tomam?

Aí rompia a descompostura em mim, que fui sempre abstémio:

— Pois, olhe, agora quando estive no Rio de Janeiro fui dar com êste fenómeno: os meus amigos de há quarenta anos que bebem vinho com os cabelos pretos, os que sempre beberam água com os cabelos brancos. É lógico. O álcool conserva. Ora como a minha corpulência me não permite metter-me dentro de um frasco de álcool, qual peça anatómica, meto álcool para dentro de mim! — E ria, com aquêlê riso trepidante e estrepitoso que contagiava quem o ouvia e terminava freqüentemente por um impertinente ataque de tosse.

Tornava à conversa:

— E você que toma?

Sem ouvir resposta, interrogava o criado:

— Ainda tens daquele *cognac* do outro dia?

— Então não houvera de ter? Para o sr. Bordalo há sempre.

— Então, traz!... Olha, traz também *genebra* e *Piperman*...

— Verde ou amarelo?

— Verde... os dois, traz os dois.

O criado já ia a correr e êle chamava-o!

— É sempre bom trazeres também um *Sherry*...

O criado abalava.

— Espera aí! não te esqueças do anis...

O criado atravancava a mesa com a bateria, e Rafael desfechava as suas interminas anedotas, intercaladas com cálices de *cognac* e cigarros de diversas qualidades.

Mas a sua bebida predilecta era a *Aguardente Macieira* de que, durante anos, e a titulo de réclamo, lhe ofereceram às caixas.

À meia-noite saíamos e o *Tavares* ficava deserto.

Aí iam os em bando, acompanhar o Pai Bordalo a casa, mas dali do *Tavares*, na Rua do Mundo, a casa de Rafael, no Largo da Abegoaria, nunca levávamos menos de três horas.

Sem noção do tempo, Rafael Bordalo continuava a conversar, a rir, a fumar, a fazer caricatura oral, mal se resignando com a debandada quando começava a amanhecer.

Nunca chegava a casa no mesmo dia como nunca chegou ao teatro a tempo de assistir ao primeiro acto de uma peça. Sucedia mesmo e frequentemente, vestir-se de casaca para ir a S. Carlos, e quando descia o Chiado já encontrar o público a sair do teatro. Cavaqueador infatigável, ficava-se à mesa a cavaquear com a família. A conversar e a tomar o café, que era revestido de rigoroso ritual: feito numa máquina de metal branco, diante do oficiante, e tomado em chécaras minúsculas, como se usa no Brasil. Bordalo que exigia vê-lo passar, acabava por o tomar frio, acompanhado de cálices

de aguardente também muito pequenos.

O fim do jantar entrava, pois, pela noite dentro, e o regresso a casa pela aurora.

Por mais que a nossa ternura o quisesse poupar a noitadas, Bordalo não transigia.

Já muito no fim, uma noite estávamos no *Tavares* alguns dos amigos do costume: Ciriaco de Cardoso, João Chagas, o cantor António Andrade, Manuel Gustavo, Alfredo de Mesquita, Manuel Penteado, Augusto Pina, o Jorge Cid, às vezes Fialho, outras o João Saraiva, grupo numeroso que obrigava a juntar duas mesas; Bordalo conversava, ria, e num acesso de tosse mais violento ficou rôxo, pendeu-lhe um pouco a cabeça, que um de nós segurou.

Foi um momento curto mas horrível. Por fim a tosse deixou-o, Bordalo levantou a cabeça, olhou para nós, viu-nos assustados, compreendeu o que cada um sentira, e só disse:

— Estão todos com cara de caso! Ainda não foi desta.

— Um acesso mais forte da bronquite, nada mais! protestámos.

Então, sêcamente, Bordalo replicou:

— Bem sei! a bronquitezinha dos cardíacos...

Mas isso lembrou-lhe logo uma anedota, e continuou a palestrar e a rir como nunca vi rir ninguém.

Até a trabalhar, a criar. Nada mais curioso! Duas, três pessoas no quarto de trabalho, êle à banca, atravessada no ângulo das duas janelas que dão para o Largo da Abegoaria e Rua da Trindade, ao favor da luz.

João Chagas, então o principal colaborador político da *Parodia*, dava-lhe uma idea.

Bordalo ouvia, repetia o tema, mas não lhe pegava.

João Chagas dava outra volta à idea. Bordalo ouvia e no fim recusava formalmente:

— Não dá!

Outro acudia com idea diferente. Ainda não era coisa que Bordalo aproveitasse.

Outra e outra e outra, até que, já fatigados, desanimados, algum começava a esboçar nova idea... De repente, Bordalo nem o deixava acabar: era êle que completava a idea, a rir, a rir sem fim.

Batera a hora a que o seu génio improvisador se confirmava: a sua mão aristocrática pegava no lapis, e traçava nervosamente a figura principal. Á medida que desenhava, o censo caricatural ampliava, completava a idéia. Parava então a vêr o conjunto, e ria, satisfeito, divertido, como se fôsse página de outro caricaturista e êle o leitor. E, de cada vez que deixava os olhos ao desenho, encontrava mais um pormenor que lançava ao papel, e tornava a rir. Mostrava, ria, um rir de rapaz que

faz cócegas a alguém aborrecido, e ia acrescentando pormenor sobre pormenor, aumentando assim o poder caricatural da página.

Daí vem a riqueza, às vezes o excesso de pormenor cômico que têm os trabalhos de Bordalo, e daí parte a infalibilidade do seu triunfo.

Disponha como ninguem do senso humorístico, e era o primeiro a rir com a própria obra.

Não forçava o assunto. Precisava primeiro encontrar o ser ou o aspecto caricatural. Antes mesmo de o reproduzir, só à idea do que via ou imaginava, ei-lo a rir, com as suas gargalhadas incessantes.

Ao estrebuchar de um Carnaval, último ano em que a Avenida viu um simulacro de batalha de flores, resolvemos passar juntos as três noites de entrudo.

E o que mais o divertiu foi ver o Manuel Gustavo a rir. Manuel Gustavo fôra educado pelo avô, e quando Rafael estava no Rio de Janeiro ficára também em Alcobça. A educação severa do avô, e a admiração de Manuel pelo génio do pai faziam com que não ouzasse ostentar a sua graça diante de Bordalo, que tinha muita pena de não gozar o espirito do filho. Tomaz Bordalo, irmão de Rafael, pai de Pedro e Denis Bordalo Pinheiro, foi dar com êle, justamente nessa noite de Carnaval, escondido atraz de uma coluna do *hall* do *Teatro D. Maria*.

— «Que estás aí a fazer?»

— «Estou a vêr o Manuel a rir com uns amigos!...»

O resto da noite, Bordalo divertiu-se como poudé. Aí pelas duas horas da manhã, sentámo-nos num recanto do *foyer*. Nisto, os olhos de Bordalo dão com um pobre diabo vestido de *pierrot*, estiraçado numa banquetta, a dormir, esfalfado de sensoria. E, desatou a rir do cómico daquela máscara, estafada, vencida, dominada pelo sôno e pelo tédio.

Tirou a carteira, pegou no lápis, fez o esbôço e rubricou:— O carnaval de Lisboa!

Compreende-se que não pudesse viver sem conviver com os espíritos e os factos do seu tempo, de que saíam os temas caricaturais, sem o constante contacto com a vida que lhe deu a mais vasta galeria da sua comédia humana.

Por isso a sua figura inconfundível aparecia em tôda a parte: nas primeiras representações do *D. Amélia*, e nas exposições de rosas, nas noites de *S. Carlos*, de casaca, *claque*, e luvas brancas, como o documenta a soberba têla de Columbano, nos toiros, a passeio, de jaquetão azul marinho e chapéu cinzento, de longe em longe na Avenida, de farta sobrecasaca e plastrão, chapeu alto, e o inseparável monóculo como na caricatura dos «Vinte anos depois», moreno, elegante, másculo, e bem disposto.

De vez em quando, ao despedir-se à porta de casa, anunciava-nos:

— Amanhã vou às Caldas.

E desaparecia uns dias.

Por um luminoso dia de janeiro, arrastou-me com êle às régias termas.

Outra personagem completamente diferente: blusa, com as pontas da *lavalère* às pintas azues e brancas por fóra da gola e boina — o oleiro.

Percorreu comigo a via sacra das *Figuras do Bussaco*, inesquecível romagem! Ao passar, levantou os panos que cobriam um busto de mulher admiravelmente bela — era a Visconti, antes de o cancro ter destruído a obra prima da sua beleza. Foi um relâmpago: tornou a velar o busto e foi talvez a única vez em que vi no rosto dêle uma velatura de melancolia.

Logo adiante, um motivo de hilaridade esboçado no barro: nem mais nem menos do que o Marquês de Franco, a que Bordalo implacavelmente castigou por certa desatenção. Coisa de nada! Rafael mandára pedir ao Marquês de Franco que lhe cedesse, numa noite célebre, uma das duas cadeiras de *S. Carlos*. O Marquês respondera que uma era para êle e a outra para o seu sobretudo.

Bordalo caricaturou-o cruelmente! Começou por lhe desenhar a cadeira, guardada a corrente e cadeado; depois, apresentou-o de

bouquet em punho ante as bailarinas, e acabou por o vêr e mostrar aos Raios X. Quando lhe applicou os Raios X às algibeiras da sobre-casaca, não se imagina o que a placa revelou: charutos, — uns enormes para êle, outros mais pequenos para os amigos —, pratos com sardinhas, guardanapos, talheres, ramos de flôres, o diabo!

E para cúmulo o pelourinho do barro, que creio não se chegou a acabar. Mas era flagrante, era o Marquês de Franco, a sobre-casaca cintada, levantada pelas proeminências e pelas algibeiras atafu-lhadas.

E Bordalo ria, porque aquêle homem, em quem se pressentia certa amargura, sobretudo depois de ter modelado o Busto que êle mal desvelára, só tinha na sua oficina, quer trabalhasse com a pedra litográfica quer com o barro, um único material: o riso. Quando alguma página apoteótica criava, e as personagens eram ídolos do seu coração ou do seu cérebro, Bordalo imolava-se, a êle próprio ou ao gato, para que o público e êle tivessem sempre o seu quinhão de alacridade. Nas suas festas de família, no próprio aniversário, Bordalo punha uma corôa de louros na cabeça e ria da sua figura, ria do absurdo: a glória em Portugal, a sua glória.

Nunca o ouvi lamentar-se de não ter aceitado os contratos que Madrid lhe oferecera, nem a suges-

tão e convite que Joaquim Nabuco — o Cícero brasileiro — lhe fizera: ir para Londres colaborar em jornais humorísticos ingleses.

O seu portuguesismo decerto não se arrependera de cá ficar.

E, a inferir das suas páginas sôbre a aliança inglesa, não se daria muito bem entre nevoeiros do Tamisa.

Para nós, Portugueses, foi bom que rimos, pelo menos enquanto êle vivo foi. Hoje, nem tôdas as suas páginas fazem rir. A obra vastíssima tornou-se documentário histórico e marca as décadas convulsas de 1880 a 1910: o Centenário de Camões, o Ultimatum, a hora da caricatura panfletária. Mas por entre as sínteses, algumas sangrentas, outras trágicas, outras explosivas, há ainda reportório de riso.

Sob a crescida erva que cobre o túmulo dos acontecimentos, ouve-se sempre a gargalhada trepidante, estrondosa, repetida, interminada de Rafael Bordalo Pinheiro.

Tal como no estranho poço de de certa região tropical. Duma confluência do Índico parte uma estrada que leva a êsse poço. Vegetação densa, de côr argêntea se o vento sopra, é pouco prudente meter-se alguém ali e quem tal ousa, em poucos minutos de marcha, apercebe-se logo de se ter perdido no coração da África. Crescido capim o rodeia, o enleia e lhe cerra o horizonte a dois metros de distância.

Lutando, arrependido de se aventurar por tais paragens, chega a um atalho, com cerca de vinte centímetros de largura. Embora o capim retarde o passo, consegue-se avançar. Mais meia dúzia de metros andada, novo embaraço. E o homem mais sereno, exclama:

— Onde diabo me vim meter!

Quási debaixo dos pés do viandante, uma voz repete:

— «Onde diabo me vim meter!»

E, por sôbre o natural mutismo, julga-se ouvir alguém que ri a chasquear.

A risada passa. O homem torna:

— Esta agora!...

O eco subterrâneo repete estas palavras. E uma nova risada cascalhante sôa...

O homem rompe, e, por entre a resistência da vegetação, encontra-se, então, com uma buraca negra aberta no solo, e tão profunda que mal se distingue a água.

Nessa água negra como pez, e coberta de espuma verde, revolteiam coisas negras.

A impressionante gargalhada era apenas o gorgolejar de uma pequena fonte que surge a meia altura do poço que ri.

Os objectos negros voltijam e, quando o murmúrio da fonte cai sobre a rocha, a risada converte-se em verdadeira explosão de hilaridade.

Assim é a vida e a obra de Bordalo.

Caminhando século XIX além, topa-se com ervaçal de ridículos; ao exprimirmos alto o nosso juízo, ouve-se um éco — é a caricatura de Bordalo; continuando, vai-se dar ao poço motejador que não é senão a gargalhada do artista batendo na rocha da época, e que faz gorgolejar a água negra onde revolteiam tipos e costumes no fundo do poço que ri.

JOAQUIM LEITÃO

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro em 1935

(Relatório)

*Ilustríssimo e Excelentíssimo
Senhor Chefe da 8.ª Re-
partição da Câmara Mu-
nicipal de Lisboa:*

Em cumprimento das instruções emitidas pelo ofício n.º 107/33, de 18 de Fevereiro de 1933, da extinta Inspecção das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais, tenho a honra de relatar a V. Ex.ª os factos mais importantes, referentes a este Museu, ocorridos durante o ano de 1935.

Entre os melhoramentos alcançados por este Museu durante o ano transacto, devo destacar a construção de uma grande vitrina para a Sala III, o que permitiu expôr um número muito maior de peças de cerâmica, inclusivé o legado de D. Helena Bordalo Pinheiro, e a solução parcial do problema da secção de cerâmica — a falta de espaço.

Dignou-se a Ex.ª Comissão Administrativa do Município de Lis-

boa, mediante a boa informação de V. Ex.ª à proposta que fiz no meu ofício n.º 65/35, aprovar a comemoração neste Museu, em Outubro passado, do centenário do nascimento do malgrado escritor Júlio César Machado: justificava esta homenagem o facto de aquêle escritor ter sido colaborador e primeiro biógrafo de Rafael Bordalo Pinheiro.

A comemoração ficou restricta às relações literárias, artísticas e sociais entre os dois artistas.

Assim, expuz na Sala VII, desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro, alguns inéditos, acompanhados de decalques dos mesmos com a indicação das personalidades que consegui identificar; reproduções de trabalhos de Rafael Bordalo Pinheiro, livros, jornais, fotografias, autógrafos, etc.

Figuravam na Exposição:

I — Desenho original de Rafael Bordalo Pinheiro (inédito), esbôço para a litografia «O Dente da Baroneza».

II — Ramo Taborda, desenho original de Rafael Bordalo Pinheiro, (inérito).

III — Album Maria, desenho original de Rafael Bordalo Pinheiro, (inérito).

IV — «Union de los dos países» desenho original de Rafael Bordalo Pinheiro, (inérito).

V — Desenho original de Rafael Bordalo Pinheiro, (inérito), alusão ao volume de J. M. Pereira Rodrigues «Uma visita a Madrid».

VI — Desenho original de Rafael Bordalo Pinheiro, (inérito), projecto de capa para o volume «Os Theatros de Lisboa», da autoria de Júlio César Machado.

VII — Desenho original de Rafael Bordalo Pinheiro, (inérito), «Júlio César Machado na caixa do ponto», projecto de illustração para o volume «Os Theatros de Lisboa».

VIII — Album de apontamentos de Rafael Bordalo Pinheiro, (desenhos inéditos).

IX — Chapa de cobre — gravura a água forte da pág. 25 de «O Calcanhar de Achilles».

X — «2.ª prova tirada em 9 de Fevereiro» — prova de gravura a água forte da pág. 25 de «O Calcanhar de Achilles».

XI — Litografia alusiva à representação da peça «O Dente da Baroneza», do escritor António Teixeira de Vasconcelos.

XII — «O Calcanhar de Achilles», pág. 25.

XIII — «A nossa caçada» — página de «O Antonio Maria», de 25 de Dezembro de 1879.

XIV — À saúde de Guilherme d'Azavedo, ementa da caldeirada oferecida ao poeta em 30 de Agosto de 1880.

XV — A vida alegre, página de «O Antonio Maria», de 20 de Janeiro de 1881.

XVI — Album das Glórias — N.º 29 — Janho de 1882.

XVII — A pancadaria em S. Carlos, página dos «Pontos nos i», de 26 de Novembro de 1885.

XVIII — A leitara do drama — O Duque de Vizeu, página dos «Pontos nos i», de 12 de Novembro de 1885.

XIX — O Palácio Barnay, página dos «Pontos nos i», de 3 de Janho de 1886.

XX — O Binocolo — N.º 4, de 10 de Dezembro de 1870.

XXI — A Berlinda — pág. 7 — Julho de 1870.

XXII — Cinco cartas autógrafas de Júlio César Machado, dirigidas a Rafael Bordalo Pinheiro.

XXIII — O volume «Os Theatros de Lisboa».

XXIV — O volume «Almanaque de O Antonio Maria para 1883 e 1884».

XXV — O volume «Album de caricaturas Frases e Anexins da Lingua Portuguesa».

XXVI — O volume «No Lazareto».

XXVII — «Os Pontos nos i» — 1890 — (págs. 17 e 18).

XXVIII — Fotografia de Júlio César Machado.

XXIX — Dois grupos fotográficos de Júlio César Machado e Rafael Bordalo Pinheiro, em Agosto de 1875.

XXX — Fotografia da casa onde faleceu Júlio César Machado.

XXXI — Fotografia da estátua de Júlio César Machado erigida no mausoleu do Cemitério do Alto de S. João.

XXXII — Excertos de Camilo Castelo Branco, M. Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, Silva Pinto e Fidelino de Figueiredo, referentes a Júlio César Machado.

Esta singela homenagem foi porém valorizada, não só pelo apoio dado por V. Ex.^a mas, pela colaboração que V. Ex.^a dispensou, realizando a sugestiva palestra «Azas em terra».

Foi a Exposição inaugurada por Sua Excelência o Sr. Presidente da Comissão Administrativa do Município de Lisboa e pelo Ex.^{mo} Vereador do Pelouro dos Serviços Culturais, no dia 3 de Outubro, pelas dezassete horas e meia.

Por iniciativa de V. Ex.^a foi determinado pelo Ex.^{mo} Senhor Presidente da Comissão Administrativa que durante a Exposição comemorativa do Centenário de Júlio César Machado, fôsse o Museu gratuitamente patente ao público, o que de facto se fez durante todo o mês de Outubro. Neste mês foi o Museu visitado por:

Homens.....	224
Senhoras.....	149
Crianças.....	42
<i>Total</i>	<u>415</u>

Junto a este relatório a lista dos doadores e ofertas feitas ao Museu durante o ano de 1935, bem como o mapa do movimento e receita do ano findo.

Apresento a V. Ex.^a as mais respeitosas saudações.

A Bem da Nação.

Lisboa, 3 de Janeiro de 1936.

JULIETA FERRÃO.
Directora-Conservadora do Museu
Rafael Bordalo Pinheiro.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Movimento de Receita

Ano de 1935

Meses	Visitantes	Receita
Janeiro	70	70\$00
Fevereiro	81	81\$00
Março.....	110	110\$00
Abril.....	122	122\$00
Maió.....	79	79\$00
Junho.....	90	90\$00
Julho.....	62	62\$00
Agosto.....	65	65\$00
Setembro.....	Fechado	-\$-
Outubro.....	415	Gratis
Novembro.....	83	83\$00
Dezembro.....	75	75\$00
<i>Sóma</i>	1.252	837\$00

1.252 visitantes.....	837\$00
10 catálogos.....	50\$00
	<u>887\$00</u>

OBSERVAÇÃO — A lista dos doadores a que se refere o relatório, foi publicada no n.º 18, dos «Anais».

SUMÁRIO

TEXTO:

PALÁCIO DO PÁTIO DO SALDANHA, por Artur da Mota Alves — HOMENAGEM A MOUSINHO — O POÇO QUE RI, Joaquim Leitão — O MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO, EM 1935.

GRAVURAS:

Capa (Anverso): — TRECHO DE PAINEL DE AZULEJO REPRODUZINDO A ILUMINURA DO REGIMENTO DE D. MANUEL AOS VEREADORES E OFICIAIS DA CÂMARA DE LISBOA (1502) — *Fábrica Constância* — *Cartão do prof. Leopoldo Battistini* — *Ornatos de Viriato Silva* — *Fotografia do Ex.^{mo} Sr. Comandante António José Martins.*

✱

Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais

Ano I — (N.º 1 e 2 — 182 págs.)
De Junho a Dezembro de 1931 — **Esc. 10\$00**

Ano II — N.º 3 e 4 — (97 págs.)
De Janeiro a Junho de 1932 — **Esc. 10\$00**

Ano II — (N.º 5 — 25 págs.)
De Julho a Setembro de 1932 — **Esc. 7\$00**

Ano II — (N.º 6 — 48 págs.)
De Outubro a Dezembro de 1932 — **Esc. 7\$00**

Ano III — (N.º 7 a 10 — 76 págs.)
De Janeiro a Dezembro de 1933 — **Esc. 25\$00**

Ano IV — (N.º 11 — 36 págs.)
De Janeiro a Março de 1934 — **Esc. 7\$00**

Ano IV — (N.º 12 — 32 págs.)
De Abril a Junho de 1934 — **Esc. 7\$00**

Ano IV — (N.º 13 — 37 págs.)
De Julho a Setembro de 1934 — **Esc. 7\$00**

Ano IV — (N.º 14 — 78 págs.)
De Outubro a Dezembro de 1934 — **Esc. 7\$00**

Ano V — (N.º 15 — 29 págs.)
De Janeiro a Março de 1935 — **Esc. 7\$00**

Ano V — (N.º 16 — 38 págs.)
De Abril a Junho de 1935 — **Esc. 7\$00**

Ano V — (N.º 17 — 34 págs.)
De Julho a Setembro de 1935 — **Esc. 7\$00**

Ano V — (N.º 18 — 75 págs.)
De Outubro a Dezembro de 1935 — **Esc. 7\$00**

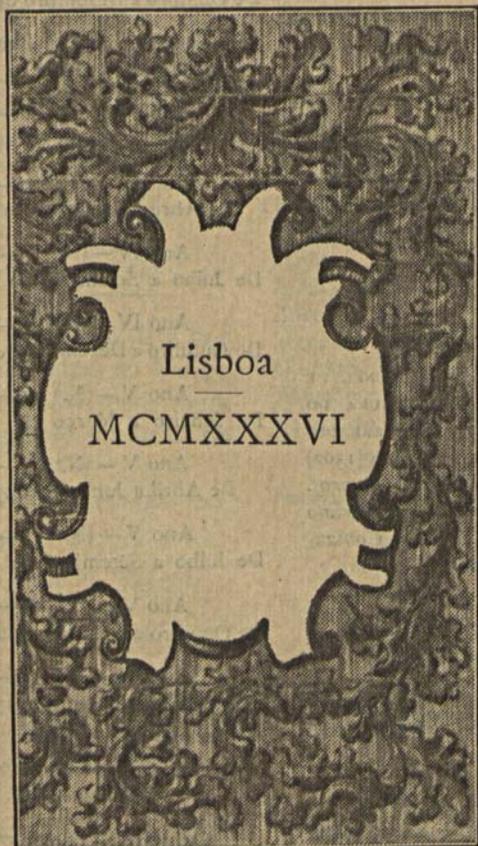
Ano VI — (N.º 19 — 36 págs.)
De Janeiro a Março de 1936 — **Esc. 7\$00**

Por assinatura:

Preço de cada número — **Esc. 7\$00**
Um ano — **Esc. 25\$00**

SOUSA MARTINS — *In Memoriam* — **Esc. 40\$00**

DEPOSITÁRIOS EM TODO O PAÍS:
Livraria Rodrigues & C.ª
RUA DO OURO, 188 — LISBOA



Lisboa

MCMXXXVI